



2022 © Ronaldo Lippold | Memorabilia Store
Título: O Furin Japonês
Autor: Ronaldo Lippold

Projeto gráfico: Giovani Faganello e Márcio Grings
Ilustrações: Vitor Cesar Borgias Vareiro
Retrato do autor: Camila Gonçalves
Conselho editorial: Bianca Lippold e Márcio Grings
Revisão: Isabele Pereira
Supervisão editorial: Márcio Grings

1ª edição: abril de 2022
Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti
Editoração: Memorabilia Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lippold, Ronaldo
O furin japonês / Ronaldo Lippold. -- 1. ed. --
Santa Maria, RS : Grings - Memorabilia e Tours, 2022.

ISBN 978-65-84777-03-3
1. Contos brasileiros I. Título.

22-105995 _____ CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura brasileira B869.3
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos autorais pertencem a Ronaldo Lippold.
Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma,
maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua parte
ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem autorização
legal ou por escrito do autor.

Autor: ronaldo.lippold@gmail.com
Editora: sac.memorabilia@gmail.com
Acervo: memorabiliastore.com.br



VISITE A LOJA

✧ O Furin Japonês ✧

& Outras Estórias

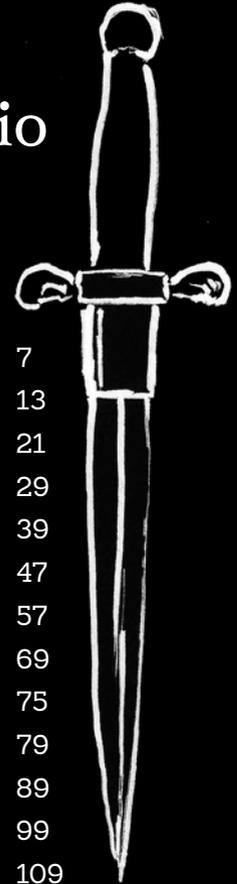
Ronaldo Lippold





Sumário

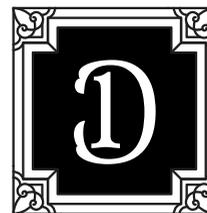
Ritmo Tarantino	7
A Adaga Espanhola	13
Minuano	21
Tudo Outra Vez	29
O Vale do Diabo	39
No Inferno não tem Cerveja	47
El Gordo Ratón	57
O Furin Japonês	69
O Degolador da Lagoa da Música	75
Olhos Abertos	79
Retamosso Calderón	89
O Estertor de um Massacre	99
2022, Grand Finale	109





O leitor precisará se abaixar para escapar das tiros, pois ao riscar de facas aviões caem, espadas cortam e o sangue escorre pelas páginas.

Ritmo Tarantinesco



Depois de sua estreia pela Memorbilia em “Meu Reino por uma Cerveja” (2021), Ronaldo Lippold nos apresenta uma nova seleção de narrativas. Afora o tema que nomeia o livro, “O Furin Japonês”, encontramos aqui outros cinco contos inéditos — *O Vale do Diabo*, *El Gordo Ratón*, *O Degolador da Lagoa da Música*, *A Adaga Espanhola* e *O Estertor de um Massacre*.

Já *Minuano*, *Tudo Outra Vez*, *No Inferno não tem Cerveja*, *Olhos Abertos* e *Retamosso Calderón* são histórias conhecidas de quem acompanha o autor e estão em coletâneas das quais Lippold participou nos últimos anos (títulos mencionados ao final de cada conto). A última história, *2022, Grand Finale*, publicada em “A Culpa é do Padre II — Em busca da cerveja perfeita” (2011), preconiza sete anos antes da eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República sua ascensão ao poder. Levando em conta aquele momento da história, quem em sua sã consciência escreveria um conto de ficção elegendo Bolsonaro como Presidente?

Assim como nos seus livros anteriores, o autor mantém a irreverência e a característica acidez. Por essa via, em “O Furin Japonês”, Ronaldo Lippold novamente fará o leitor viajar no tempo — testemunhando injustiças, perseguições, conquistas, perdas, e uma série de ziguezagues e refrões potencializados por uma escrita ágil e inventiva.

O ritmo tarantinesco de algumas histórias promove ligações diretas com a dramaturgia, pois seus escritos visuais pedem urgência em pular direto das páginas deste livro para o palco de um teatro ou para a tela do cinema. Dá para perceber uma cartografia não apenas regional, mas totalmente sul-americana, repleta de espanholismos e personagens fronteiriços, revelando um Brasil muito mais platino, *double chapa** e miscigenado pelas culturas uruguaias e argentinas. Por outro lado, sem surpresa ele encontra o universal.

“Um escritor só escreve um único livro, embora esse livro apareça em muitos tomos, com títulos diversos”, essas palavras de Gabriel García Márquez sobrevivem à memória quando novamente passamos os olhos nesses escritos de Lippold. Apesar da pacificidade da capa: o leitor precisará se abaixar para escapar das tiros, pois ao riscar de facas aviões caem,

.....
* Termo usado nas fronteiras do sul do país para distinguir o indivíduo que tem dupla nacionalidade.

espadas cortam e o sangue escorre pelas páginas. De todo o modo, a nêmesis buscada por grande parte dos heróis deste livro é a mesma desejada por muitos: justiça, amor e paz.



※ O Furin Japonês ※

& Outras Estórias

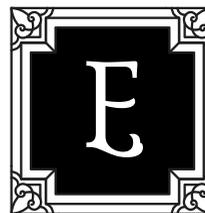


Ronaldo Lippold



*Corria o ano de 1955.
Estávamos na beira do fogo contando causos.*

A Adaga Espanhola



Eu já estava na idade adulta, beirando a velhice. Nos encontrávamos na beira do rio Camaquã, numa área de terra do Pedroso, forte fazendeiro de Caçapava do Sul. Em um fundo de campo, onde o rio fazia uma enseada, com uma boa praia de areias claras e águas límpidas. Um pescueiro cevado há muitos anos pelo seu Nicanor, alambrador daquelas paragens, desde muitos anos.

Corria o ano de 1955. Estávamos na beira do fogo contando causos. Nicanor, Chico Louco e eu. Chico Louco era um andarilho, contrabandista de pequenos volumes e chasqueiro, como ele se definia frequentemente. Eu, Emiliano Fagundes Taborda do Nascimento, tinha uma pequena bodega de beira de estrada, entre a Linha Clara e a Vila Maria. Tinha ido a cavalo visitar uns parentes na cidade. Na volta, resolvi visitar os amigos no antigo pescueiro, um hábito de muitos anos.

Enquanto a lenha queimava no braseiro, com um espeto de guajuvira em uma linguça de porco recheada com outros condimentos, já se podia ver as

primeiras gotas de gordura vertendo no fogo. Uma canha de butiá corria entre as mãos calejadas daqueles gaúchos em plena prosa de um assunto recorrente: causos de terror. Esses causos variavam de personagens e situações, mas na maioria deles, a narrativa era de mistério. Apesar da pouca cultura, as infinitas conversas levavam o trio sempre a melhorar suas invenções retóricas.

Passados alguns minutos de uma lábria entrecortada de enigmas, com um vento fresco estalando num taquaral próximo, enfim, devoramos avidamente a cheirosa língua.

— Mas credo, Fagundes, muito boa a língua, elogiou Chico Louco.

— A melhor que tu já fez, sentenciou o Nicanor.

E logo, voltamos a nossa rodada de causos. Eu resolvi relatar um que me ocorrera no último dia de maio passado. Havia recebido um telegrama de um primo distante e desaparecido, dizendo que estava vindo de Santa Maria, desejoso de um colóquio, pois eu era seu último parente vivo. Quinze anos separavam nosso último encontro e, naquele fim de mundo, raramente eu recebia alguma mensagem. A vida corria monótona, minha bodega ia de mal a pior. Me pegava pensando na vinda do parente, tentando formar uma ideia de como ele estaria após tanto tempo. Lembrei dele no casamento da finada prima Vanda: gordinho, conversador e metido a saber de tudo. Pois bem, vou ter que receber o vivente, pensei,

meio conformado. Talvez tenha mudado.

Passou uns 6 dias, eu fumando um palheiro, escorado no balcão, pensando em todo este mundão sem fronteiras e de repente, um carro passou levantando uma poeira danada, cruzou a venda rapidamente e retornou em seguida. Era o primo Valdeimar, dirigindo um Ford vermelho, coisa muito linda. Chegou falando alto, me deu um abraço mole e continuou falando, freneticamente, uns vinte minutos. O primo, muito alegre, me fazia perguntas simultâneas e ele mesmo fazia questão de responder. Me tonteou as ideias de uma maneira tal, que começou a me dar um nervoso. Em pouco tempo, me contou que morou em Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro e andou até no estrangeiro. Eu que nunca tinha saído mais longe que Caçapava, achei tudo muito rico e longe. Tudo era longe, pelo que ele contava. Minha sorte foi ele resolver tomar um banho.

— Mas esta estória não anda, disse Chico Louco.

— Calma, salientei de vereda.

Na volta do banho, chegou o gordinho Valdeimar todo cheiroso, de bermuda branca, uma camisa escura com um bolso bordado encarnado, assobiando uma melodia estranha. Abriu uma mala enorme, me deu um canivete vermelho, da Suíça, frisou ele. Tirou um estojo grande, todo de couro marrom e com uns dizeres estranhos e colocou em cima do balcão. Após, voltou ao carro e trouxe um pernil de ovelha.

— Comprei na vinda, próximo de São Sepé, parei

para tomar um café numa venda e estavam carneando uma ovelha e um porco. Insisti tanto, dizendo que queria fazer uma surpresa para um primo, que me venderam esse pedaço. Chega a estar com a carne ainda quente.

Ao terminar de falar a palavra carne, meu gato angorá, que andava vendo carne somente na forma de ratos, chegou se arreganhando todo. Minha casa é bem humilde. Tenho a parte da venda, um quarto modesto, uma cozinha, a maior peça, e um banheiro ao lado de fora. Ficamos nessa parte maior, onde tenho uma grelha antiga bastante usada. O primo, pelo visto não gostava muito de gatos. Me falou que eles transmitiam doenças respiratórias, que eram ladrões perigosos. Logo, soltou uns espirros muito estranhos. O gato era preto, com os olhos amarelos riscados de vermelho, apareceu no inverno passado e devia ter uns dois anos. Eu, como morava sozinho, me apiei do felino e dei casa. O primo continuou falando sem parar e, ao abrir um vinho argentino de uma variedade que nunca vi, continuou com sua cantilena. De repente, um vento norte levantou um pó danado e trouxe um cheiro forte nas narinas finas do primo.

— Mas que horror este cheiro, parente.

— É da minha pocilga. Crio uns porquinhos para fazer umas linguças. De vez em quando fede.

— Bah, parente, a coisa pelo jeito anda difícil por aqui. A venda, sem quase nada nas prateleiras, como dá para perceber. A casa precisando duma boa

limpeza e pintura e ainda este fedor. Parece que a vida não anda fácil para estas bandas, parente.

Aquilo foi difícil de ouvir. Me doeu por dentro. O gaúcho, aparece do nada, contando vantagens e começa a te enjeitar! Para esfriar a cabeça, resolvi dar comida pros porcos. Uma lavagem fedorenta. Era o que eu tinha para dar para aqueles três porquinhos. Um estava bem rechonchudo, pronto pra me abastecer de banha e linguça por um bom período. Na volta, pela janela vi o gato urrar após levar um chute do primo e cair estatelado perto de um banco. Pobre gato, deu um miado sofrido e sumiu. Aquilo me incomodou mais ainda. O que este filho-da-puta tá pensando da vida!

Me aborreci. E mesmo assim, o gabola do parente continuou falando de suas facas, tirando do estojo com bastante perícia e exibicionismo. Eu continuei tomando minha caninha com limão, ouvindo toda aquela ladainha.

— Esta é uma Victor, faca de origem Suíça, boa de lâmina e bem afiada. Tem também a Wüsthof, uma clássica faca alemã com cabo de madeira. E já foi retirando outra do estojo.

— Esta é uma Global, produzida no Japão, de aço inox e não precisa ser afiada todo tempo. Especial para cortar legumes.

E não parava de gargantear.

— Tem também essa Solingen Bonsmann com cabo de alpaca. O que tu ganha em um ano não

compra uma, parente. Essa é uma de minhas preferidas e de uma marca bastante conhecida no Rio Grande. Uma vez, lá na fronteira, um argentino melencido me chamou de mentiroso e eu o chamei na Solingen. O homem se botou feito gringo em baile. Não me conhecia e se deu mal. Eu dei dois passos para trás e ataquei com rapidez. Só vi o desconhecido soltar um golpe de sangue.

Eu com essa, tomei um gole seco de cana com limão. Imaginei aquele gordinho dando os passos de dança vangloriados por ele e quase me afoguei. Creio que notou, pois me olhou meio de lado. Enquanto a ovelha começava a derreter sua graxa e emanar aquele cheiro delicioso pelo ambiente, Valdemar discorria naquela contação de vantagem. O rei dos gavolas, isso sim, é o que ele era. Com aquele aroma recendendo, o gato, após sumir uns minutos devido ao pontapé que levou, voltou a se achegar.

— Vamos ver se está boa, parente. Estou louco de fome, quero comer e seguir na estrada para pousar em algum lugar. Já vi que aqui não tem um pouso.

— Pode dormir na minha cama. Eu me viro. Tenho um pelego e para mim, basta.

— Não, capaz. Acho um hotel pelo caminho. Mas, foi muito bom te ver. Meu último parente vivo. Vou cortar este naco de baixo que está mais assado.

Daquele assado cortado pela lâmina afiada do aço inglês, caiu uma gota de sangue no braseiro atijando a fome do gato que se enfiou mansamente

entre as pernas do conversador.

— Esta é uma Adaga Espanhola com símbolos de Toledo, bastante antiga. Minha preferida e não está à venda. Uma adaga boa de peso e muito usada pelos espanhóis em escaramuças no século XVII. Uma cutucada com ela abre um buraco num vivente.

Nisso, ele foi se virar rapidamente, para fingir uma sonhada estocada mortal, e pisou com força na pata do gato. O felino gemeu e deu uma patada certa na perna do bailarino. Esse, com a dor e o susto, torceu o pé, largou a faca e, devido ao peso, caiu meio de borco. A adaga espanhola picou duas vezes e silenciosamente cravou todo seu comprimento na barriga da visita. Ele se contorceu, soltando um esgar, e de imediato saiu um jorro de sangue de sua boca. Ainda teve tempo de falar:

— Isto foi um haraquiri gaudério!

Eu não sabia do que se tratava essa última fala.

— Mas que coisa mais escabrosa, Fagundes! Comentou Chico Louco de olho ensimesmado.

— E o que fez com o corpo, homem?

— Desossei com uma das facas dele. Os ossos e as vísceras dei pros porcos. A parte mais gorda coloquei nesta linguíça que provamos a pouco.

Mal terminei de falar e meus companheiros, cuspidos desconfiados, levantaram-se, descobriram uma desculpa qualquer e picaram a mula, como se diz.

Eu ainda gritei, na saída:

— Não querem saber o que fiz com o Ford?



Aquele assobiar desafinado e cortante durante dias no final do inverno me fazia deitar abraçado a minha mãe em noites de vigília mal dormidas.

Minuano



ão sei bem o motivo, mas o barulho do vento sempre me deixou alucinado. Aquele assobiar desafinado e cortante durante dias no final do inverno me fazia deitar abraçado a minha mãe em noites de vigília mal dormidas. O vento balançava as taquaireiras ao lado de casa e fazia seus galhos estalarem feito uma roda de carreta, um murmúrio agregado ao soturno canto das corujas. Esse mesmo vento espalhava nossas parcas ovelhas. Volta e meia, contra todos os prognósticos, bailava resoluto no pátio de minha mãe levantando poeira e folhas secas, logo varridas com rústicas vassouras de galhos de carqueja. Havia também momentos de aventura e safadeza naqueles invernos castigados pelo Minuano. Lembro com nostalgia das corridas a cavalo com minha irmã Teresa pelos campos verdes e silenciosos em nossa infância — o vento parecia aumentar a velocidade de nossos corcéis.

Teresa era uns três anos mais velha, embora eu fosse mais alto e mais forte. Ela com seus dezessete anos, quase muda, e eu conversando a *la loco*. Além

de Teresa e Maria, nome de minha mãezinha, eu conhecia mais umas dez pessoas, quando muito. Morávamos afastados de todos, num local ao sul do Rio Grande, distante muitos quilômetros de alguma vila, conhecido por Tapera Seca. Era uma casinha de barro e taquaras, com apenas uma peça, dormíamos embotados em um canto, em cima de pelegos de ovelhas. A natureza nos provinha em nossa horta bem cuidada; feijão, milho, mandioca, bergamotas e melancia eram a base de nossa dieta. Galinhas, ovelhas e alguma rês prestes a morrer de velha complementavam nosso manjar. Nenhum de nós sabia ler ou escrever. Não fazia falta mesmo, pois ler o quê? Não lembro bem de meu pai. Ele acompanhou as tropas de um caudilho endoidecido numa peleja pros lados do Uruguay. Eu tinha uns cinco anos e, mesmo com as súplicas de dispensa de minha mãe, berrando indignada:

— Como ele vai lutar, se já perdeu uma parte do braço na última batalha?

Ou peleava junto ou perdia a pequena propriedade. Desde então, ficávamos sentados no silêncio do domingo, imaginando o regresso de nosso pai. Certa vez, uma sombra foi se delineando no horizonte e nos fez esperar em pé. Minha mãe esfregava as mãos e rezava uma cantilena indecifrável na expectativa de rever seu marido. Assim que apeou do cavalo, sua silhueta nos mostrou um outro rosto. Era um homem moreno e cabeludo, com bigodes fartos e uma cicatriz entre o olho esquerdo e o nariz. Falava um castelhano

carregado, típico de gente do oriente. Trazia um corte recente e profundo no braço esquerdo, uma espingarda atravessada no peito e duas adagas prateadas na cintura. Chegou tirando o chapéu e gritando:

— Buenas, pessoal, sou da paz!

Pediu água fresca e pasto para o animal. Após se apresentar como Rufino, alegou ter se perdido de sua gente em uma escaramuça numa noite de chuva. Estavam levando uma tropa de gado para São Isidro, quando foram atacados por salteadores, que dizimaram quatro de seus homens. Ele cavalgou uma noite inteira, mas precisou sacrificar seu valoroso animal, mordido por uma cruzeira grossa mais parecida com uma mandioca do mato. Após uma caminhada de dois dias, encontrou um vivente que lhe cedeu a montaria em troca de um revólver Smith & Wesson. E assim, Rufino apareceu em nossa maloca.

Minha mãe cuidou de seu ferimento, passando lâ de ovelha numa infusão de confrei com arnica. Deu comida e um pelego ao recém-chegado que dormiu umas quinze horas atirado debaixo de cinamomos distante uns trinta metros da casa. O cavalo velho, eu alimentei e deixei solto junto aos outros três de nossa posse. O castelhano se dizia de Artigas, mas vagava pelo mundo desde muito tempo. Não sabia a idade certa, devia ter uns trinta e cinco anos, embora seu rosto vincado denotasse mais.

Enquanto o braço de Rufino cicatrizava a gosto, ele e eu juntávamos lenha, colhíamos laranjas